

GODARD LE FOU

Van Jafa

Quando conheci Godard pareceu-me um D. Quixote que acabava de conquistar seu primeiro moinho de vento. Era Berlim de 60 e insólitamente concorria ao Festival com seu primeiro longa-metragem **A Bout de Souffle/Acossado**, quase anônimamente, egresso do curta-metragem e integrante da então nascente **nouvelle vague**.

Do rasgo inaugural e indomesticado de **Acossado** (produção de 59) à eclosão lírica, inconformada, onírica e bravia de **Pierrot Le Fou** (produção de 1965) há uma vivência trabalhada, se bem que Godard permaneça ainda artesanal e emocionalmente na área do experimento.

O impacto que se imprime (ou exprime?) no espectador comum, ao se deparar com **Pierrot le Fou** (italianamente confirmado **O Demônio das 11 Horas**), de Jean-Luc Godard, é semelhante ao que teria um visitante do Louvre que visse saindo do quadro clássico a águia (um dos muitos disfarces de Júpiter) carregando Ganimedes adormecido.

Independente de Godard fazer constar nos créditos do seu filme que praticou seu **script** sobre um romance de Lionel White, o disfarce não cabe para encobrir de todo as fontes de sua realidade inspiradora.

Pierrot le Fou é uma dívida de juventude saldada na área cronológica do homem grego. Godard aos trinta e cinco anos comete o deslumbramento de viver sua "estação no inferno". Pura homenagem a Rimbaud disfarçada em mensagem godardiana. Evidentemente

que os gênios da hora que passa bebem água na fonte de eternidade dos gênios de sempre. Como renovar sem reinventar? Não há outro caminho, foi sempre assim, e assim é, e será sempre.

Quando conheci Godard, guardava no rosto o indisfarçável júbilo daquele que havia descoberto a receita de um novo bôlo. A novidade mais nova é velha conhecida do sonho e da ansiedade do homem. Godard havia descoberto seu cinema, seu jeito de fazer filme, como quem descobre seu jeito de fazer amor, ou sua posição de dormir ou sua maneira de sonhar.

De **Acossado a Pierrot le Fou**, nada mudou, ou, mais acertadamente, mudou tudo; Godard alcançou o fim do seu beco, fechou o ciclo inaugurado em 59. Seu sistema consiste numa breve motivação, como por exemplo: o minotauro, e Godard qual Teseu lá vai conduzido, pelo fio de Ariadne de sua adolescência, pelo labirinto adentro para sua façanha antológica. É fácil de se constatar que seus filmes são urdida mistura de reminiscências de todas as espécies e de uma espécie de antologia de bolso, sentimental e personalíssima, de tudo quanto leu, viu e sentiu e que o impressionou de fato.

Pierrot le Fou repousa fundamentalmente em **Une Saison en Enfer**, de Arthur Rimbaud, em conotação com a idéia fascinante de Edgar Allan Poe vivida no conto **William Wilson**.

Certamente que Godard cioso de sua aventura cultural dá as deixas, se bem que o grande público (no sentido do



Rimbaud



Godard

espectador comum, que, de resto, não admira nem mesmo gosta, simplesmente, de seus filmes) e, o que é mais grave e sintomático, os críticos-fãs não atinam com as ambições nem as fontes eruditas de Godard, atribuindo-lhe, apesar das deixas, a genialidade alheia.

Quando seu personagem-ê ele conta que havia um William Wilson que um dia dera de cara com o seu duplo, e ao matá-lo viu e admitiu que acabara de matar a si próprio, a platéia acha anedótico-piada e ri godardianamente, em face do desconhecimento de Poe. Quando ali está — *en passant* — delineando todo o personagem Pierrot-Ferdinand-ê ele. Idéia que o próprio Rimbaud faz uso numa página do seu livro *Illuminations*, quando nos conta a história de um Príncipe e de um Gênio. Naquela altura do tempo Poe já estava vertido para o francês por Baudelaire (da roda literária de que Rimbaud fazia parte), em tão alto grau de fidelidade que muitos e até mesmo americanos o preferem em francês.

Daí por diante é tudo Rimbaud, no caminho de Rimbaud e com o agravante de omitir (intencionalmente ou mero esquecimento?) as aspas, Godard avança pelo pomar alheio colhendo os frutos dourados que o espectador comum e o crítico-fã saboreiam como sendo de sua propriedade, enquanto, simultaneamente, investe contra os moinhos de vento do formalismo (ou academismo?) cinematográfico de ter de contar uma história lógica ou psicológica como os realizadores aplaudidos e caros no seu tempo de crítico cinematográfico.

SEGUE

GODARD LE FOU

E, como Rimbaud, poderá escrever: "de início foi apenas um estudo. Escrevia os silêncios, as noites; anotava o inexprimível. Fixava as vertigens". É visível a olho nu o invisível caderno de réveries de Godard, aquele caderno de "pensamentos idos e vividos" aquele canhenho mental onde registra tudo que lhe impressiona os sentidos e que só agora ousou mostrar abertamente nas mãos e na ansiedade de Ferdinand por viver a vida e ser livre, como se se pudesse realmente viver de outra maneira que não essa. É daí que Ferdinand-Rimbaud sabe que "o amor está por ser reinventado!"

Eis Godard-demônio, quando perde a oportunidade de batizar-se Ferdinand, como é apelidado o Diabo em Ardenes, no norte da França, e, ainda no campo da homenagem, foi em Rimbaud onde encontrou o achado.

A jovialidade e o informal, no sentido de estilo (se é que se pode chamar de estilo o experimento) de seus filmes, advêm de sua ebulição de sensibilidade, onde poderíamos surpreender num desses seus cadernos íntimos a epígrafe: "Oh! dar-me-ás a vida de aventuras que existe nos livros infantis a fim de me recompensar de quanto tenho sofrido".

Godard, que se fixaria num dos ângulos dos triângulo *nouvelle vague* do qual os outros dois são François Truffaut e Claude Chabrol, aprendera ainda na sua "estação no inferno" que "a domesticidade leva demasiado longe."

A lição rimbaudiana avançaria mais e faz viver em Ferdinand-Pierrot — "vi que todos os seres têm a fatalidade da felicidade, a ação não é a vida, mas uma maneira de consumir forças, um enervamento". Esposava com o poeta que "a moral é uma fraqueza do cérebro". Pressentia-se "duplamente condenado pelo arco-íris" e pela felicidade.

Noventa e dois anos depois de Rimbaud ter escrito *Uma Estação no Inferno*, Godard filma a sua e saúda o poeta pela sua eternidade, independente de o ter feito de maneira tão esotérica. Rimbaud é o Ariel do seu filme-ilha.



Jean Paul Belmondo:
"Pierrot Le Fou"

Se tivesse uma linha mais acentuada de *humour*, Godard teria realizado uma obra perfeita de inconformismo e de lírico anarquismo, para tanto pondo como epitáfio de seu filme sobre Pierrot-Ferdinand-Godard o que deixou escapar de *Uma Estação no Inferno*: "Possuo todos os talentos. Aqui não há nada e há alguém — não quisera desperdiçar o meu tesouro".

Morrendo o Príncipe morria o Gênio, atingido no seu duplo extinguiu-se William Wilson, Pierrot dinamitando-se, por equívoco ou conscientização, levava Ferdinand pelos ares; conquistava a sua eternidade, assim como os outros, ele não sabia o que estava fazendo e se sabia só via a eternidade. Esta eternidade que é "sol desfeito nos longes do mar".

"Esta inspiração prova que tenho sonhado!" As luzes acenderam-se.